

---

## **Ciberjornalismo, midialivrismo e feminismo no portal AzMina<sup>1</sup>**

**Leticia de Faria Ávila Santos<sup>2</sup>**

**Katarini Miguel<sup>3</sup>**

**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**

### **RESUMO**

No presente trabalho, temos o objetivo de discutir as potencialidades do ciberjornalismo em consonância com a proposta midialivrista e entender como essas características são utilizadas por grupos ciberfeministas para a cobertura jornalística sobre relações de gênero. Para tanto, buscamos uma análise exploratória do portal AzMina, durante o mês de março de 2018, considerando a data do Dia Internacional da Mulher e com o agravante do assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL). Identificamos os elementos utilizados como multimídia, hipertextualidade, interatividade, personalização, além das estratégias de mobilização social para problematizar o lugar do jornalismo engajado, produzido fora da lógica midiática convencional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciberjornalismo; Midialivrismo; Ciberfeminismo; AzMina.

### **INTRODUÇÃO: Ciberjornalismo e suas potencialidades para a mobilização social**

Em uma sociedade entrelaçada ao conceito de tempo como particularidade escassa e necessária de ser otimizada, o uso de ferramentas virtuais como simples potencialidades usuais foi transformado: a era tecnológica possibilitou novas práticas de interações sociais no ambiente web.

A sociedade em rede, em termos simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes (CARDOSO, CASTELLS, 2005, p. 20).

Através de conjuntos em redes, desde os níveis individuais moldando coletivos, o ciberespaço configurou-se como um sistema interligado. A rede tomou espaço nas rotinas diárias, permitindo novas maneiras de sociabilidade, desenvolvendo diferentes

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 7 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 13 a 15 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Jornalista, mestranda no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Comunicação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

<sup>3</sup> Jornalista, doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo, docente nos cursos de Jornalismo e Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

---

mecanismos e mídias sociais (digitais). A sociabilidade enquanto característica de relações sociais também é visível no ambiente web. Laços relacionais são criados através do contato interacional, e, do mesmo modo, laços de associação são formados pelo desejo de pertencimento: seja a um local, instituição ou grupo no ciberespaço (RECUERO, 2009, p. 39). Nesse sistema desenvolvido por meio de conexões, houve uma explosão de criações: blogs, sites, perfis; redes e pessoas interligando-se na cibercultura. Canais individuais possibilitaram a comunicação pessoal, sem intermediações de canais centrais midiáticos ou governamentais. (CARDOSO; CASTELLS, 2005, p. 24).

Nesse contexto de mutações está a prática jornalística e sua variabilidade de características e apropriações das potencialidades da rede de computadores. O ciberjornalismo se alicerça a elementos como a interatividade e a multimedialidade, com o uso de várias mídias em um único conteúdo, possibilitando maior qualidade de absorção da informação e participação; a hipertextualidade, materializada na conexão entre links que permite uma visão sistêmica e a leitura não-linear dos conteúdos; a customização/personalização, como a capacidade de escolha dentre os conteúdos existentes e criação de nichos informativos; e a memória, própria da configuração da rede que assegura o armazenamento dos conteúdos e uma ruptura espacial (SCHWINGEL, 2012). Há ainda a instantaneidade que proporciona atualização e a distribuição contínua e em tempo real (PALACIOS, 2003) e a ubiquidade, permitindo o acesso para produzir e acessar conteúdo de qualquer tempo-espaço (CANAVILHAS, 2014).

Os recursos emprestados pelo ciberjornalismo atendem também coletivos de interesse e movimentos sociais que desenvolvem comunicação em rede e sabem se apropriar dessas características para a prática jornalística engajada. Os inúmeros portais em rede demonstraram a capacidade da web de armazenar e produzir conteúdo, segmentado, especializado, alternativo e com uma pluralidade de fontes, informações e, sobretudo, intenções que propiciam discutir temas até então negligenciados nos veículos de comunicação convencionais, como relações de gênero, direitos humanos e desigualdades sociais.

Nesse sentido, o presente artigo quer discutir como um denominado ciberfeminismo, entendido aqui, em linhas gerais, como a luta midiaticizada pela igualdade de gênero, apropria-se do ciberjornalismo não só para gerar informação, mas

também para difundir uma causa e mobilizar a sociedade. Entendemos que existe uma aproximação com a proposta midialivrista ao pregarem interação, participação, construção coletiva de informação e contrainformação e desenvolverem uma narrativa contestadora do tempo real (MALINI, ANTOUN, 2013), aproveitando do potencial tecnológico. Para discutir essas premissas, analisamos no presente trabalho os conteúdos produzidos no portal ciberfeminista AzMina durante nove dias do mês de março de 2018, iniciando pelo Dia Internacional da Mulher, e verificamos o emprego das características do ciberjornalismo em diálogo com o entendimento sobre o midialivrismo e ciberfeminismo, termos que explicaremos na sequência, na tentativa também de problematizar o tipo de jornalismo produzido.

### **AMPLIANDO A DISCUSSÃO: Midialivrismo e Ciberfeminismo**

Em especial após as manifestações e protestos de junho de 2013 no Brasil, coberturas e estratégias midiáticas ganharam notoriedade no ambiente em rede. Movimentos e Organizações Não-Governamentais ligados à produção e investigação jornalística iniciaram um intenso desenvolvimento de conteúdos com levante social, dando espaço para temas como representatividade, ciberfeminismo, relações de gênero e de poder e de direitos humanos<sup>4</sup>.

As mobilizações geraram uma nova lógica midiática e a consequente transformação do jornalismo em uma prática engajada e mobilizadora, nas redes e nas ruas. A mídia como movimento social se enquadra na ideia do midialivrismo (MAZZARINO, MIGUEL, 2016), quando a internet se estabelece como espaço de disputa e de produção de significados; a visibilidade é a chave para construção de espaço de poderes.

O midialivrismo aproveita os recursos tecnológicos para inovar na linguagem e na prática jornalística, contestar a comunicação hegemônica e desafiar os conglomerados midiáticos com independência e autonomia para construir seu próprio meio de comunicação. Um meio que desafia as elites e revigora a prática de consumir,

4 O maior expoente da mídia livre, o Mídia NINJA (Narrativas Independentes Jornalismo e Ação), surge justamente após as jornadas de junho de 2013. Atualmente, movimenta dois milhões de seguidores nas redes sociais digitais. Segundo informações do Portal Imprensa, chegou a superar em engajamento (soma de curtidas, comentários e compartilhamentos) os grandes veículos de comunicação tais como Folha de S. Paulo, O Globo e revista Veja. (<http://portalimprensa.com.br/noticias/brasil/78276/midia+ninja+ultrapassa+grandes+veiculos+em+engajamento+no+facebook>).

---

produzir e mediar (ou não) a informação; fatores muito provocadores para os movimentos de protesto (MAZZARINO, MIGUEL, 2016). Essas mídias não se preocupam com grandes audiências, mas sim em “suprir nichos”, com “possibilidade de oferta de inúmeros produtos para poucos” (LEMOS e LEVY, 2010, p.49). Produzem conteúdos de diferentes interesses, dão visibilidade aos posicionamentos, com potencial de engajamento; nas palavras de Mallini e Antoun (2013, p.143), o midialivrismo “substitui as formas democráticas representativas e midiáticas por núcleos centralizados (Estado), e seus órgãos de ação (instituições) por uma democracia de participação interativa, constituindo uma rede de ação direta”.

O midialivrismo não é propriamente uma novidade, mas sua forma de disseminação e potencialização na cibercultura é o que nos chama atenção. Tem suas bases nas lutas antidisciplinares dos anos 1960 e 1970 e busca sobremaneira a liberação da palavra. Mallini e Antoun (2013) colocam o midialivrista como o hacker das narrativas, aquele que faz do meio de comunicação um movimento social em prol das mais variadas causas.

Uma dessas causas é a própria produção de informações sobre relação de gênero, uma linha de significações voltadas ao movimento do ciberfeminismo, em que as reivindicações do feminismo não apenas acontecem no ambiente virtual como se organizam dentro dessa lógica midialivrista.

O termo ciberfeminismo surge dentro de uma conjuntura de reivindicações de direitos e de emancipações, em 1985, pela autoria da escritora Donna Hawaray, no “Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista”. A utilização das novas tecnologias comunicacionais permitiu um maior acesso às campanhas dos movimentos feministas, popularizando as pautas e construindo novos discursos.

O Ciberfeminismo em sua multiplicidade permite tanto o questionamento político através da atuação de redes ativistas (como no caso do Brasil) bem como a manifestação e construção de novos símbolos, linguagens e representações do feminino perante essas redes tecnológicas através da atuação de mulheres artistas em diferentes partes do mundo (LEMOS, 2009, p, 87).

Trata-se de um movimento situado enquanto pensamento pós-feminista, inerente às mulheres net-ativas que se apropriam das tecnologias para difundir um discurso difuso, desafiando os papéis de gênero, de identidades e dos corpos (CRITICAL ART

ESEMBLE, 2006). Não nos compete aqui uma demarcação rígida do conceito, mas entender sua própria configuração e autodefinição.

O portal AzMina (azmina.com.br) surge em 2015 e vem ao encontro da proposta midialivrista e ciberfeminista ao se caracterizar como “(...) instituição sem fins lucrativos cujo objetivo é usar a informação para combater os diversos tipos de violência que atingem mulheres brasileiras, considerando as diversidades de raça, classe e orientação sexual”<sup>5</sup>

Com produções jornalísticas apoiadas por campanhas de financiamento coletivo, colaborações voluntárias, arrecadações e um lema que indica “sem rabo preso”, AzMina entra em uma corrente midialivrista que não só estabelece um novo modelo de negócios para a prática jornalística, mas foge também daquele fazer jornalismo, declarado imparcial e espelhado, revelando-se engajado e sem preocupações com a pragmática da profissão.

A nova mídia desenvolve sua cobertura como um documentário ficcional cujo roteiro vai sendo escrito através das fábulações narradas pelos próprios participantes. Se ela pode abandonar a isenção jornalística e permanecer veraz, deve ser porque sua evidente adesão ao acontecimento se faz para proveito da vida do jornalismo. Disposta a construir o acontecimento por todos os meios que o sistema hipermídia é capaz de operar, recebe uma contrapartida ética endereçada pelo próprio acontecimento para sua atitude, devolvendo-lhe a força da verdade. Porque nela o acontecimento recebe de volta o esplendor de sua neutralidade e estranheza, tornando-se de novo um combate, um campo de batalha onde uma cibervitalidade esboça seus primeiros gestos balbuciando suas primeiras palavras (ANTOUN, MALINI, p. 151, 2013).

O jornalismo do portal AzMina passa longe do perfil editorial de revistas e jornais tradicionais e generalistas especializados no público feminino e investe em discussões e debates sociais, com campanhas de conscientizações, divulgação de palestras e discussões sobre temas relacionados à temática da mulher, como representatividade feminina, feminismo, relações de gênero e a cobertura das mulheres nas várias esferas públicas, como casamento em comunidades ciganas, o debate sobre prostituição e até temas considerados tabus de serem discutidos, como relacionados à autonomia sexual da mulher. A equipe é dividida em regulares e colaboradoras, formada por profissionais mulheres de diferentes formações, dentre jornalistas, publicitárias, psicólogas e outras.

5 Informações constantes no próprio portal: <http://azmina.com.br/quem-somos/>

---

Em março de 2018, o portal AzMina desenvolveu uma série de matérias jornalísticas sobre a visibilidade da mulher na política, em consonância ao mês internacional da mulher. Com a suposta execução da vereadora Marielle Franco (PSOL) relatora da comissão da intervenção federal no Rio de Janeiro, no dia 14 de março, o portal abordou o caso de forma incisiva por meio de artigos, matérias, reportagens de profundidade, crônicas e entrevistas sobre violência de gênero, desigualdade na política e direitos humanos. A cobertura nos despertou interesse para entender de forma mais sistemática o tipo de ciberjornalismo praticado. Com isso, trazemos na sequência um levantamento realizado no período de 8 a 16 de março de 2018, dos textos publicados como parte do especial #sejaaliderqueterepresenta e realizamos uma análise exploratória e comparada com as características do ciberjornalismo e do midialivrisimo, colocadas anteriormente. A vertente exploratória é importante para um trabalho inicial que pretende se familiarizar com o tema, levantar as diferentes faces do fenômeno e, sobretudo, construir hipóteses que poderão ser confirmadas e/ou refutadas em investigações futuras (GIL, 2010).

### **ANÁLISE: O lugar do jornalismo no portal AzMina**

A coleta de conteúdo concentrou-se, portanto, no mês de março de 2018, ponderando o potencial episódico para a cobertura sobre o tema, em razão do Dia Internacional da Mulher, com o agravante do assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL – RJ).

Na noite do dia 14 de março de 2018, Marielle foi assassinada em um atentado quando voltava de um encontro de mulheres negras. O carro onde estava ela, o motorista Anderson Pedro Gomes e uma assessora, foi atingido por 13 tiros. Ela e o motorista morreram. Marielle foi eleita em 2016 como a quinta vereadora mais votada, com 46 mil votos. Apresentou 16 projetos de lei, como o de incluir cartazes nos serviços públicos de atendimento à mulher, com informações sobre direitos das vítimas de violência sexual, e o de prever o tratamento humanizado para mulheres em situação de aborto legal. Negra, socióloga, lésbica, feminista e militante dos direitos humanos, acumulava uma intensa atuação nas comunidades periféricas do Rio de Janeiro, denunciando a violência policial e da milícia, ajudando famílias de desaparecidos e

promovendo a discussão da corrupção das organizações públicas, como as ligadas ao movimento de militarismo<sup>6</sup>.

O caso, obviamente, ganhou espaço no portal ciberfeminista AzMina pelo próprio peso que carrega e repercussão que tomou em todo o Brasil, com isso, o especial #sejaaliderqueterepresenta, que pautava a visibilidade das mulheres na política, com início no dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, acabou dominado pelo tema. Durante os nove dias de análise, foram levantados oito textos, uma média de um por dia, sendo metade em referência à morte e causa política da vereadora Marielle e o restante versava sobre a inserção da mulher na política. Apresentamos, na sequência, um levantamento com os oito textos destacados, entre os dias 8 e 16 de março, e identificamos a variabilidade de gêneros e formatos jornalísticos<sup>7</sup>, além de linguagens que escapam da estrutura jornalística convencional, se apropriam das potencialidades do ciberespaço e do ciberjornalismo enquanto mobilizador social. A ver.

	Matéria 1	Matéria 2	Matéria 3	Matéria 4
Data	08/03/2018	08/03/2018	08/03/2018	12/03/2018
Gênero	Notícia	Reportagem	Reportagem	Entrevista
Título	Partidos burlam cotas de candidatas com mulheres-laranja	Seis medidas para aumentar o número de mulheres na política	Qual o lugar das mulheres na democracia brasileira?	Nilma Bentes: visibilidade às mulheres negras
Autoria	Carolina Oms	Carolina Oms	Caroline Vicentin	Believe.Earth e Carolina Oms
Link	<a href="http://azmina.com.br/2018/03/partidos-burlam-cotas-de-candidatas-com-mulheres-laranjas/">http://azmina.com.br/2018/03/partidos-burlam-cotas-de-candidatas-com-mulheres-laranjas/</a>	<a href="http://azmina.com.br/2018/03/seis-medidas-para-aumentar-numero-de-mulheres-na-politica/">http://azmina.com.br/2018/03/seis-medidas-para-aumentar-numero-de-mulheres-na-politica/</a>	<a href="http://azmina.com.br/2018/03/mulheres-na-democracia-brasileira/">http://azmina.com.br/2018/03/mulheres-na-democracia-brasileira/</a>	<a href="http://azmina.com.br/2018/03/nilma-bentes-visibilidade-as-mulheres-negras/">http://azmina.com.br/2018/03/nilma-bentes-visibilidade-as-mulheres-negras/</a>

6 As informações foram retiradas do site: <https://www.mariellefranco.com.br/quem-e-marielle-franco-vereadora>

7 Baseamo-nos aqui na configuração de gêneros e formatos proposta por Melo (1985) e dividimos em nota e notícia, quando dentro de uma estrutura factual de gênero informativo, reportagem e entrevista em uma pauta mais plural e de jornalismo interpretativo, ou ainda nos formatos de artigo, editorial e comentário, por exemplo, quando no contexto da opinião explícita.

	Matéria 5	Matéria 6	Matéria 7	Matéria 8
Data	15/03/2018	15/03/2018	15/03/2018	16/03/2018
Gênero	Reportagem	Artigo de opinião	Editorial	Artigo de opinião
Título	Ameaças aterrorizam ativistas que denunciam a violência em Acari	Feminista, negra, mãe, mulher: calaram mais uma de nós	Quantas mais vão precisar morrer?	À minha amiga Marielle: morremos na noite do dia 14, mas renascemos em coletivo
Autoria	Ponte Jornalismo – Maria Teresa Cruz	Paula Silva	Equipe AzMina	Evelyn Silva
Link	<a href="http://azmina.com.br/2018/03/ameacas-ateorizam-ativistas-que-denunciam-violencia-policialem-acari/">http://azmina.com.br/2018/03/ameacas-ateorizam-ativistas-que-denunciam-violencia-policialem-acari/</a>	<a href="http://azmina.com.br/2018/03/feminista-negra-mae-mulher-calaram-mais-uma-de-nos/">http://azmina.com.br/2018/03/feminista-negra-mae-mulher-calaram-mais-uma-de-nos/</a>	<a href="http://azmina.com.br/2018/03/mariellefranco/">http://azmina.com.br/2018/03/mariellefranco/</a>	<a href="http://azmina.com.br/2018/03/a-minha-amiga-marielle-morremos-na-noite-do-dia-14-mas-renascemos-em-coletivo/">http://azmina.com.br/2018/03/a-minha-amiga-marielle-morremos-na-noite-do-dia-14-mas-renascemos-em-coletivo/</a>

Com base nas características do ciberjornalismo apresentadas pelos autores citados (SCHWINGEL, 2012; PALÁCIOS, 2003; CANAVILHAS, 2014), destacamos a utilização das ferramentas do ciberespaço para a produção jornalística independente na web.

O conteúdo assinado por diferentes jornalistas e colaboradoras, sempre mulheres, apresenta a multimedialidade ao trabalhar com textos, imagens, vídeos e áudios nas publicações sejam elas notícias, reportagens, entrevistas ou artigos. Do total de matérias, todas usaram elementos de multimedialidade, pelo menos os recursos de imagem (fotografia ou ilustração) e texto. A utilização de infográficos ilustrativos na matéria “Qual o lugar das mulheres na democracia brasileira?” auxilia na compreensão de temas políticos e perpassa dados e informações através da transparência e simplicidade de conteúdos. A hipertextualidade através dos links, atalhos de outras informações noticiosas, possibilita a contextualização dos temas relacionados e encontra-se presente no meio ou no final na maioria das notícias do site, de 6 em 8 matérias, com exceção dos artigos de opinião “Feminista, negra, mãe, mulher: calaram

mais uma de nós” e “À minha amiga Marielle: morremos na noite do dia 14, mas renascemos em coletivo”. Os hiperlinks permitem o direcionamento para conteúdos informativos externos ou anteriores do próprio portal, competência associada à condição da memória, potencialidade do ciberjornalismo de armazenamento das produções jornalísticas e bastante utilizada pelo portal.

Mesmo apresentando uma programação de periodicidade quase diária de um jornalismo relacionado ao gênero interpretativo, especializado e colaborativo, notamos em média um texto por dia, mas sempre na temática de gênero e relacionando com as mais diferentes esferas. AzMina não investe em instantaneidade e atualização próprias do padrão *hard news* dos veículos online, ou mesmo em ineditismo - tanto que não explora os recursos de imediatismo da internet e perde no sentido da atualização instantânea - mas, por outro lado, produz textos mais reflexivos e preocupados em marcar um posicionamento. A ubiquidade, seguindo a mesma conjuntura, pode ser considerada outro parâmetro com pouca representação dentro das características do portal pela ausência de produções “a qualquer hora e em qualquer lugar” - a notícia nua e crua, informação em tempo real e transmitida sem edições – desenvolvidas por muitos coletivos midialivristas, como o Mídia Ninja.

Um exemplo com maior representação da ubiquidade foi a reportagem “Ameaças aterrorizam ativistas que denunciam a violência em Acari”, de 15 de março de 2018, um dia após a morte de Marielle. A pauta foi desenvolvida em parceria com portal Ponte Jornalismo<sup>8</sup>. A produção explora a multimedialidade ao utilizar vídeos, textos e imagens e ainda traz em audiovisual o relato dos moradores na própria comunidade, apresentando um forte jornalismo de imersão, profundidade e em tempo real, perceptível no trecho:

No dia seguinte, um domingo, a Ponte esteve na comunidade, localizada a 25 quilômetros do centro da capital. A viagem de metrô com uma baldeação dura mais de uma hora. Ao chegar, uma passarela de pedestres está bloqueada. Bem embaixo, um carro das Forças Armadas e quatro oficiais fazem guarda. No último domingo (11/3), a famosa feira de Acari acontecia. Um dia típico de verão, e o calor de 36 graus, abafado, era o prenúncio da chuva que cairia à tarde. Tudo em uma aparente normalidade. No sábado, porém, os moradores viveram momentos de terror que, segundo eles, antes eram exceção e agora têm virado regra.

8 Também representante do midialivrisimo aqui em questão, a Ponte Jornalismo surge pautada nos Direitos Humanos. As produções estão disponíveis em: [ponte.org/](http://ponte.org/).

---

A comunidade foi despertada por volta das 6h com muitos tiros e a chegada de três caveirões, veículos blindados usados pela PM em incursões nas favelas. “Era muito tiro, muito tiro mesmo. Eles estavam quebrando portões, entrando em casas sem mandado, fotografaram moradores e identidades, em alguns lugares quebraram móveis. Eles andavam pelas ruas da comunidade, e isso eu posso falar com propriedade porque aconteceu na minha rua, gritando que só iriam embora quando matassem três, quatro, por aí”, relata Buba Aguiar, moradora e integrante do coletivo Fala Akari.

A personalização/customização é uma das características ofertadas pelo ciberespaço que permite uma maior autonomia do leitor para o conteúdo disposto, podendo escolher ou até pré-selecionar os assuntos que lhe interessam – informações mais específicas e segmentadas para cada tipo de público. O portal em si já está fundado em pautas segmentadas e em um posicionamento político e ideológico explicitados. Além disso, a personalização encontra-se intrinsecamente relacionada com a interatividade na produção jornalística; a possibilidade de opinar nos formatos e nas pautas é realidade. Através do Conselho Editorial de [Leitor@s](mailto:Leitor@s), os assinantes fixos (contribuindo no valor de dez reais) podem participar de reuniões de pauta, interferir nos formatos e discutir assuntos pertinentes à elaboração editorial. Com uma variação de dez a cinquenta reais, as colaborações fixas e assinaturas do site são uma das formas de captação de recursos para as produções; dinheiro utilizado, segundo AzMina, para custear as matérias, salários e custos burocráticos.

A parceria do portal com outros veículos e coletivos de jornalismo, como a já citada Ponte Jornalismo, Believe.Earth e Think Olga, reflete a necessidade de articulação das mídias para a existência e visibilidade no ciberespaço, até mesmo pela ausência de grandes parcerias empresariais e publicitárias por decisões editoriais.

A composição visual do site também desperta interesse; trazendo elementos de cores fortes e fontes estilizadas, ilustrações e charges de apelo social. Há também a divulgação de campanhas e petições e a disponibilidade de conteúdos que extrapolam a divulgação jornalística e indicam o perfil de mobilização social próprios do midialivrisimo. A chamada “imprima e leve na rua”, por exemplo, possibilita acessar imagens de mobilização e significância como a ilustração da vereadora Marielle com a chamada “Quantas mais vão precisar morrer?” e o uso da *hashtag* #mariellepresente.

As estratégias midialivristas também se materializam com o uso de *hashtags*, as etiquetas temáticas que provocam engajamento e mobilização social. O próprio nome

do especial jornalístico aqui analisado é colocado como hashtag, #sejaalíderqueterepresenta, e se confunde com uma campanha, ao promover a mulher enquanto figura política e pregar o protagonismo feminino, uma mutação do fazer jornalístico que se une com as estratégias de mobilização social. Em outro texto, no artigo de opinião “Feminista, negra, mãe, mulher: calaram mais uma de nós”, a *hashtag* #MariellePresente faz menção à campanha amplamente divulgada nas redes sociais pela morte da vereadora, como símbolo de visibilidade e engajamento.

Vale ressaltar que o perfil editorial explicitado, não negligencia os preceitos jornalísticos, já que as publicações atendem às técnicas jornalísticas e apresentam uma diversidade de fontes, com dados governamentais, de instituições, associações, entidades, entrevistas primárias, mas também referenciam as próprias redes sociais digitais. No editorial, um gênero opinativo, “Quantas mais vão precisar morrer?” há a utilização de uma citação da vereadora reproduzida de sua rede social, o Twitter. O Facebook também é utilizado como fonte de informação na matéria “Ameaças aterrorizam ativistas que denunciam a violência em Acari”, no qual Marielle fazia uma denúncia sobre a atuação da Polícia Militar na região de Acari. Os prints das duas redes sociais, usados para compor o quadro de fontes e de informações jornalísticas, comprovam as declarações das fontes, além de contextualizar o assunto e visibilizar a memória da vítima por meio de seu posicionamento político.

O portal também se preocupa com a inclusão das diferentes leitoras ao trazer nos conteúdos jornalísticos o recurso do painel de áudio para descrever todo o conteúdo apresentado textualmente. Sobre o assunto, Soares (2014, p. 50) destaca a importância do ciberespaço e da tecnologia assistiva, sobre o uso de recursos inclusivos que ampliam as habilidades funcionais de pessoas com deficiência: “o uso da Tecnologia Assistiva possibilita autonomia, independência, qualidade de vida, inclusão social e empoderamento das pessoas com deficiência, ao diminuir ou até mesmo neutralizar as barreiras encontradas”.

### **CONSIDERAÇÕES: Jornalismo como instrumento para pautar relações de gênero?**

O ciberespaço traz como uma das principais características do que é ser social a capacidade de ser visível; de trazer (e fazer) consciência às causas, tem sua legitimidade na resistência dos grupos que se configuram presentes em rede. Através dela, as

---

possibilidades de construção e engajamento social existem sem limites físicos, aproximando pessoas e lutas, trazendo denúncias e visibilizando direitos. O midialivrisimo, como prática jornalística autônoma, engajada e com potencial de mobilização social, desenvolve um ciberjornalismo e se apropria de suas características e possibilidades tecnológicas.

O portal AzMina ao atuar com campanhas de financiamento coletivo, assinaturas virtuais e articulações dos leitores, mostra que é possível desenvolver um conteúdo jornalístico independente e que subverte a lógica midiática convencional e faz rever o próprio modelo de negócios das empresas jornalísticas. Ainda que seja incipiente aqui estabelecê-lo como exemplo, vemos como uma tentativa de repensar a própria sustentabilidade econômica do jornalismo.

O midialivrisimo, enquanto jornalismo independente e contra-hegemônico, encontra respaldo nos grupos de pertencimento da rede, tomando rumos e diretrizes em união e conseguindo manter espaço em meio às inúmeras trajetórias, embaralhadas e dispersas, dos conteúdos on-line. O poder político-social desenvolvido no ciberespaço atravessa hierarquias, dá destaque para ações coletivas e possibilita que causas saiam do papel, neste caso, do on-line; ganhando força nos indivíduos enquanto sujeitos de interesses e direitos democráticos. Acreditamos que promover o jornalismo consciente é uma necessidade em todas as esferas sociais, físicas ou virtuais.

Nisto, a capacidade denunciativa ganha força – e esses tais interesses ignorados ganham potencialidades e novos olhares: como a pauta do machismo, do feminismo interseccional, a luta e promoção da igualdade de gênero nas escolas. O ciberfeminismo é um dos exemplos da consolidação das lutas através dos espaços virtuais, destacando direitos e representatividades.

Esperamos com essa análise, ainda em nível exploratório, trazer reflexões sobre as transformações do jornalismo - seus diferenciais e potencialidades em uma estrutura midialivrista -, especificamente aquele praticado por grupos e coletivos que defendem interesses das mulheres, como é o caso do feminismo nativo do ciberespaço, dando suporte para o aprofundamento do tema e novas pesquisas que intentam compreender maneiras do fazer jornalístico mais do que comprometidas, engajadas com a igualdade de gênero.

---

#### 4. Referências

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Livros LabCom, 2014.

CARDOSO, Gustavo; CASTELLS. Manuel. **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. Centro Cultural de Belém, 2005.

CRITICAL ART ESEMBLE. Desobediencia civil eletrónica. In: REUNIÓN DE OVEJAS ELECTRÓNICAS. **Ciberactivismo. Sobre usos políticos y sociales de la red**. Barcelona: Virus editorial, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2 ed. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

LEMOS, Marina Gazire. **Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. São Paulo, 2009.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o lugar da memória. In MACHADO, Elias & PALACIOS Marcos (Orgs). **Modelos do Jornalismo Digital**. Salvador: Editora Calandra, Salvador, 2003.

LEMOS, André; LEVY, Pierre. **O Futuro da Internet. Em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **@internet e #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2013.

MAZZARINO, Jane; MIGUEL, Katarini G. **Midiativismo em processos de comunicação ambiental engendrados por organizações ambientalistas: discussões e proposições**. Contracampo, Niterói, v. 36, n. 02, pp. 114-132, ago. 2017/ nov. 2017.

MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2012.

SOARES, Ricardo de Araujo. **Cultura da Acessibilidade no Ciberespaço**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2014.